

# PSICANÁLISE LACANIANA E MARXISMO REVOLUCIONÁRIO\*

---

*Ian Parker*

Professor da Manchester Metropolitan University (Inglaterra), Psicanalista, Membro do College of Psychoanalysts (UK), Membro do The Center for Freudian Analysis and Research, Membro da London Society of the New Lacanian School, Secretary of Manchester Psychoanalytic Matrix, Editor do Annual Review of Critical Psychology.  
E-mail: i.a.parker@mmu.ac.uk

**Resumo:** O artigo compara a psicanálise lacaniana com a tradição do marxismo revolucionário. Não se objetiva uma combinação ou um compromisso entre essas duas formas de pensamento, mas verificar a hipótese de que entre ambas há uma oposição, de fato dialética. Ressaltam-se analogias em termos da forma de transmissão, produção e intervenção redundante do saber cultivado em ambas as tradições. Examinam-se também as homologias sociológicas entre os dois movimentos quanto à lógica da formação de inimigos, castas burocráticas e revisão crítica da teoria. Examina-se em seguida a importância articulatória do pensamento de Althusser e de Zizek, como dois casos-modelo para a hipótese da oposição dialética. O artigo conclui pelo reconhecimento de que tanto na psicanálise lacaniana (por meio da teoria da sexualização) quanto no marxismo revolucionário (por meio das teorias feministas) tematiza-se o caráter não redutível da diferença, no interior de um determinado universal. A feminilidade, como elemento comum e subversivo no interior dessa oposição entre psicanálise e marxismo, apresenta-se assim como indicativo da contradição lançada como hipótese do artigo.

**Palavras-chave:** marxismo; psicanálise; Lacan; teoria feminista; feminilidade.

**Abstract:** The paper compares Lacanian Psychoanalysis with the tradition of Revolutionary Marxism. The aim is not to achieve a combination or a compromise between these two forms of thought, but rather, to verify the hypothesis that between them there is an opposition that is, in fact, dialectical. Analogies in terms of the form of transmission, production and intervention resulting from the knowledge that is cultivated in both

---

\* Texto originalmente publicado em *Lacanian Ink*, Nova York: Wooster Press, n. 29, p. 121-139, 2007. Acrescido de notas e referências não incluídas na versão publicada.

traditions are highlighted. In addition, sociological homologues between the two movements concerning the logic of formation of enemies, bureaucratic castes and critical review of the theory are examined. Then, the articulating importance of Althusser's and Žižek's thought is examined as two model cases concerning the hypothesis of dialectical opposition. The paper concludes by recognizing that both Lacanian Psychoanalysis (through sexualization theory) and Revolutionary Marxism (through the feminist theories) approach the non-reducible character of difference inside a certain universal. Femininity, as a common and subversive element within this opposition between psychoanalysis and Marxism, thus indicates the contradiction that is the paper's hypothesis.

**Keywords:** Marxism; psychoanalysis; Lacan; feminist theory; femininity.

O capitalismo cria as condições de possibilidade para que os movimentos sociais desenvolvam meios para enfrentá-lo e, talvez, substituí-lo (MANDEL, 1971). Essa relação dialética complexa, entre um poderoso e insidioso sistema de exploração e as forças que almejam tornar o mundo um lugar onde o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos, coloca problemas específicos para aqueles que trabalham pela emancipação social e individual. De um lado, marxistas sempre foram impulsionados tanto pela fúria contra as injustiças que as relações sociais capitalistas impingem aos indivíduos quanto pela análise do ilogismo de sua política econômica; nesse sentido, o *slogan* socialista-feminista “o pessoal é político” recuperou a memória coletiva do tipo de luta com qual o melhor da política marxista esteve sempre preocupada. Por outro lado, psicanalistas sempre insistiram que o autoconhecimento individual não é suficiente para nos conduzir às raízes da miséria humana; uma interpretação reflexiva de como nos tornamos quem somos no mundo deve vir articulada com uma ação coletiva para modificá-lo.<sup>1</sup>

A psicanálise em si não é, necessariamente, anticapitalista, e muitos analistas seguiram a avaliação sarcástica do próprio Freud a respeito das promessas idealistas do socialismo e de tempos mais felizes,<sup>2</sup> endossando nesse processo uma visão do final

---

1 Ver, por exemplo, Kovel (1988).

2 “...uma mudança real nas relações dos seres humanos com suas posses seria de maior valia nessa direção do que qualquer imperativo ético, mas o reconhecimento desse fato entre os socialistas tem sido obscurecido e tornou-se inútil para propósitos práticos devido a uma má compreensão idealista de natureza humana” (FREUD, 2001a, p. 143)

de uma análise pessoal que implicaria o ceticismo, senão o cinismo, do analisando em relação à atividade política. Um dos paradoxos que opera para separar ainda mais e reestruturar a tensa relação entre o indivíduo e a sociedade no capitalismo é o fato de que foram as formas acadêmicas abstratas da teoria psicanalítica que aprofundaram nossa compreensão da “subjetividade” contemporânea e que infelizmente triunfaram no estabelecimento dos principais pontos de referência de como deveríamos articular psicanálise e marxismo. O fato de que ambos não podem ser articulados, que são diametralmente opostos já é aceito há muito tempo por psicanalistas, mas uma questão mais fértil e interessante que necessitaria ser melhor trabalhada é: “seriam ambos opostos dialéticos?” (STRACHEY, 1937, p. 7) Para responder essa questão precisaremos também ser mais claros sobre quais poderiam ser os pontos de referência. Não é suficiente dizer simplesmente que agora podemos conduzir a questão comparando e contrastando os escritos de Marx e Lacan.

A especificação das tradições teóricas particulares – marxista e lacaniana – pode ser útil como ponto de partida, uma vez que existem dois pressupostos que elas mantêm em comum, os quais devemos considerar seriamente para embasar o debate. O primeiro deles é que há uma ênfase na dimensão da prática, uma insistência em que não é suficiente interpretar o mundo social ou o mundo interno; na tradição da psicanálise inicial isso é observável na atenção dada ao que se caracterizava por uma interpretação “mutativa” (STRACHEY, 1934) e nos lacanianos praticantes isso se evidencia no lugar central dado à formação clínica. Os territórios da prática são muito distintos, mas é apenas do trabalho dentro desses territórios que poderemos chegar a respostas que sejam genuinamente lacanianas e marxistas. O segundo desses pressupostos é o reconhecimento de que o lugar do trabalho é uma tradição acumulativa; um movimento de ativistas ou praticantes que lêem e relêem textos fundadores, mas que delibera coletivamente a trajetória dos escritos e comentários de maneira a avaliar o que pode ser feito com os erros quando a teoria é posta à prova. Em cada caso, evidentemente, a tarefa de resgatar e manter essa tradição passa necessariamente pela compreensão dos erros especificamente desastrosos pelos quais aqueles que falam em nome da tradição – psicanalítica ou marxista – a traíram (MANDEL, 1979; ROUDINESCO, 1990)

Há ainda, somada a isso, uma relação estreita entre os tipos de equívocos em suas práticas que cada um desses movimentos registrou e, conseqüentemente, procurou evitar. Se essa correspondência indica mais do que uma analogia entre as tradições

marxista e lacaniana, e se isso garantiria que as respostas produzidas por essas duas tradições são de natureza homóloga é uma outra questão, questão essa que investigaremos no momento propício. A similitude entre as animosidades que cada movimento constituiu no processo de seu desenvolvimento histórico mostrou-se de grande interesse para vários pesquisadores que investigavam cada um deles procurando uma relação complementar que fosse válida para identificar alguns dos erros e inimigos internos gerados por essas próprias tradições. Isso incluiria, primeiramente, o impacto de certas formas culturais que sistematicamente distorcem as críticas e os objetivos dos movimentos (a cultura do consumo em geral para vários marxistas e a sociedade norte-americana em particular para Lacan) e, em segundo lugar, a cristalização de uma casta burocrática que regula a teoria e a prática de acordo com seus interesses (o sistema legislador na União Soviética para os marxistas e o estrangulamento da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) para os lacanianos). As várias tentativas de formular teorias rigorosas da cultura e de construir formas alternativas de organização em resposta a esses problemas reais que assediaram esses movimentos serviram, na maior parte das vezes, para lapidar o trabalho de seus participantes, tanto psicanalistas lacanianos quanto marxistas revolucionários.

### **“Al tu sers à rien”<sup>3</sup>**

Vejamos agora alguns inimigos internos mais controversos que lacanianos e marxistas enfrentaram, porém de maneira um pouco distinta. Em ambas as tradições, parece haver uma atração por formas de pensamento que prometem validar e melhorar a teoria e que correm o risco de arruiná-la completamente, os perigos dessa atração e suas conseqüências já podem ser percebidos pelos participantes de cada movimento de maneira suficientemente clara. Entretanto, há uma dissimetria fatal entre as tradições no que se refere precisamente ao ponto de separação entre o indivíduo e a sociedade, separação que é muito conveniente para a maioria dos psicanalistas na sua prática cotidiana, mas que embaralha e sabota qualquer tentativa dos marxistas de colocarem os dois aspectos dessa equação juntos novamente.<sup>4</sup> Lacan sabia como marcar o terreno, utilizando algumas referências externas à tradição freudiana e recusando

3 Paris, 1968, *slogan* estudantil citado por Macey (1994, p. 146).

4 “Apenas pela articulação de suas diferenças... sua relação pode ser adequadamente expressa” (ADORNO, 1967, p. 70).

outras para abrir o caminho para uma articulação sobre o que é intrinsecamente social no indivíduo.<sup>5</sup> Foi essa navegação estratégica pelo terreno hostil do retorno a Freud que foi repetidamente mal entendida por Althusser.

Por um dos lados desse manejo aparentemente equivalente de forças convenientes, mas potencialmente perigosas, Lacan convocou o estruturalismo: Levi-Strauss para reconceitualizar as relações de parentesco e os elementos do complexo de Édipo como essencialmente vazios, definidos apenas por sua posição dentro de uma estrutura (LÉVI-STRAUSS, 1963) e Saussure para chegar a um conjunto de significantes operando dentro de um sistema de diferenças sem termos positivos (SAUSSURE, 1974, p. 120). No entanto, simultaneamente, Lacan jamais abandonou sistemas conceituais que eram diametricamente opostos à teoria estruturalista – entre os quais Hegel, por meio da leitura feita por Kojève, é o mais importante –<sup>6</sup>, além disso, ele empregou taticamente outras teorias da lingüística, como a de Jakobson (1975), para legitimar seus desenvolvimentos teóricos. Ao mesmo tempo, Lacan sempre rejeitou a tentação da “psicologia”, o conjunto de estudos acadêmicos e empíricos que pareciam oferecer uma solução para muitos psicanalistas convocados a oferecer provas a respeito da eficácia de seus tratamentos.<sup>7</sup> Frequentemente, nesse autor, o significativo “psicologia” representa o que há de pior em relação à adaptação dos indivíduos à cultura norte-americana, um propósito relutantemente aceito e posteriormente alardeado de maneira entusiasta por seus oponentes na IPA. A aversão de Lacan por esses “praticantes de ortopedia... que psicologizam a teoria psicanalítica” (LACAN, 1972-1973/1998, p. 23) poderia ser gratificante para os marxistas e sua crítica está em consonância com nossa suspeita que a psicologia burguesa ratifica a individualização da experiência e as explicações da opressão, mas essa hostilidade deve pouco ao marxismo propriamente dito.

O trabalho psiquiátrico de Lacan sobre a paranóia constitui o núcleo de seu retorno a Freud e de sua leitura psicanalítica do mal-estar cultural do início do século XX como uma derivação do declínio da imagem paterna (LACAN, 1948/1980), mas as consequências políticas dessa leitura para o entendimento do fascismo, por exemplo – como uma identificação narcisista imaginária perversa com o pai –, soava como

5 “Na vida mental do indivíduo uma outra pessoa está invariavelmente envolvida seja como modelo, como objeto, como alguém que ajuda, como um oponente. Dessa maneira desde o início a psicologia individual é, em um sentido mais amplo porém totalmente justificável, psicologia social” (FREUD, 2001b, p. 69).

6 Ver Kojève (1969).

7 Ver, por exemplo, Lagache (1953).

uma má notícia para marxistas que procuravam o poder revolucionário da criatividade humana. A posição política que deriva dessa análise é mais compatível com aproximações surrealistas que por vezes não fazem muito mais do que simplesmente mimetizar essa identificação.<sup>8</sup> Da mesma forma, o mais próximo que Lacan chega em sua análise do trabalho articulado em grupos oferece pouca coisa para confortar os marxistas; a lógica temporal delineada em seu artigo sobre a certeza antecipada (LACAN, 1988) é mais uma crítica do que um endosso da intersubjetividade, e ainda que essa crítica seja útil, senão necessária, para o trabalho clínico com indivíduos, suas mais imediatas conexões com uma psicologia de grupos psicanaliticamente orientada são com a tradição conservadora psiquiátrica inglesa durante a Segunda Guerra Mundial que tanto impressionou Lacan (LACAN, 2000).

As noções de trabalho criativo e atividades coletivas, as mais poderosas definições da natureza humana assumidas pelo marxismo, são assim obscurecidas pela psicanálise lacaniana, e seguir a linha adotada por althusserianos linha-dura para os quais não há natureza humana alguma é simplesmente tomar como geral uma versão antimarxista particularmente virulenta de uma teoria social quase-lacaniana.<sup>9</sup> Deixamos aqui de lado as descrições dos movimentos táticos realizados por Lacan para mobilizar apoio de uma ampla gama de figuras influentes; petições e cartas para líderes da Igreja e para o Partido Comunista Francês (PCF) indicam que Lacan não era nem cristão nem comunista (ROUDINESCO, 1997).

Do outro lado, para o qual agora em vão nos voltaremos em busca de uma resposta marxista adequada para esses assuntos, Althusser também adotou preceitos estruturalistas para revigorar uma prática teórica que compreenderia a história como um processo sem um sujeito,<sup>10</sup> e como a ideologia “representa a relação imaginária dos indivíduos com suas reais condições de existência” (ALTHUSSER, 1971, p. 153). Isso permitiu-lhe estabelecer um caminho entre o recém-redescoberto humanismo do PCF e uma consideração do sujeito humano que se pretendia rigorosamente científica. Embora tenha demonstrado certa coragem em recrutar Lacan para sua tarefa, contrastando com a patética autocrítica dos analistas comunistas que consideravam a psicanálise uma ideologia reacionária,<sup>11</sup> o “anti-humanismo” de Althusser não era

8 Ver, por exemplo, Greeley (2001).

9 Ver, sobre um exemplo marxista contra esse aspecto do althusserianismo, Geras (1983).

10 Ver Althusser (1976).

11 “O mínimo que se pode dizer sobre a abordagem psicanalítica é que ela impede ao máximo a liberdade de

senão um movimento dentro da rede de intrigas exigida pelo Partido.<sup>12</sup> Somado a isso, Althusser adotou idéias de Lacan que poderiam, nesse domínio particular de elaboração teórica, manter viva alguma versão do humanismo que ele aparentemente evitava, algo surpreendentemente próximo da psicologia à qual Lacan se opunha.<sup>13</sup>

A manifestação mais contundente desse elemento psicologizante pode ser encontrada no uso que Althusser faz do conceito lacaniano do estágio do espelho.<sup>14</sup> Para Lacan, esse “estágio”, o lugar no qual o Imaginário se constitui, está envolvido e necessariamente interligado com o Simbólico e o Real (LACAN, 1998). Para Althusser, entretanto, ele seria um ponto fechado sobre si-mesmo da unidade imaginária em que a mãe é tratada como o ponto original de onde o sujeito se torna capaz de reconhecer e ser reconhecido dentro dos sistemas ideológicos.<sup>15</sup> A relação que o sujeito individual assume com respeito aos vários Aparelhos Ideológicos do Estado ou ao “Sujeito Absoluto” é uma relação imaginária<sup>16</sup> ao invés de uma relação desde sempre estruturada pelo Simbólico; e o Real como terceiro elemento necessário é reduzido por Althusser às “condições reais”, como se a psicanálise tomasse a “realidade” como uma medida para a distorção das percepções. Dessa forma, Althusser força os conceitos lacanianos a uma forma que lhe permite compreender a “ideologia”, mas nesse

---

atribuir aos fatos quaisquer outras causas que não aquelas supostas pela própria psicanálise... a técnica analítica só é capaz de conduzir o paciente até a metade do caminho, até o ponto no qual ele se torna consciente do mito que o oprime mas não de suas fontes profundas. Ela apenas lhe oferece uma liberdade imaginária em um mundo artificial” (EIGHT FRENCH PSYCHIATRISTS, 1949, p. 19).

12 “Althusser elaborou uma filosofia da história que permitiu o reconhecimento das distorções políticas existentes na superestrutura da URSS, ainda que preservando a categorização econômica do país como socialista. Teoricamente esse foi um avanço importante em relação às explicações baseadas no ‘culto à personalidade’ preferidas pela liderança do PCF. Politicamente, ela permitiu certo grau de crítica à URSS assim como alguma independência do CPSU” (O’DONNEL, 1982, p. 25).

13 “Althusser parece rejeitar a psicologia mas a reintroduz via os Aparelhos Ideológicos do Estado” (O’DONNEL, 1982, p. 29).

14 Esboçado pela primeira vez em inglês na revista *New Left Review* como se fosse uma *fase do espelho* que poderia ser parte de um processo de desenvolvimento (LACAN, 1968). Comparar esta publicação com Lacan (2002).

15 “Na raiz do problema está o apelo de Althusser a um ‘indivíduo’ que é pré-ideológico e que certamente deveria ser pré-ideológico se a tese mais fundamental de Althusser (que a ideologia é o processo pelo qual os indivíduos são constituídos enquanto sujeitos) estiver correta... Althusser nos fornece o pior mundo possível apresentando um modelo de sujeito que promove a retirada ou o enfraquecimento dos poderes adultos da ação política ao mesmo tempo que mantém concepções essencialistas e metafísicas sobre as capacidades pré-sociais da criança” (BARRET, 1993, p. 178-179).

16 “...a estrutura de toda ideologia, interpellando indivíduos como sujeitos em nome de um Único e Absoluto Sujeito é *especular*, isto é, estruturada com um espelho e *duplamente* especular: essa duplicação no espelho é constitutiva da ideologia e assegura seu funcionamento” (ALTHUSSER, 1971, p. 168).

processo ele os “imaginariza” e transforma o próprio Imaginário em algo que funciona como um conceito-chave, conceito que parece abrir o caminho para uma teoria marxista da subjetividade, mas que, na verdade, nos prende mais firmemente à ideologia como algo eterno e inelutável.

Usar a psicanálise dessa maneira para fornecer um elo teórico com a ideologia é de fato distorcer o que Lacan tinha por objetivo. Na prática clínica, é crucial que o analista enfrente o papel que o Imaginário desempenha para cada analisando em particular, de maneira que esse analisando possa ser conduzido ao ponto em que seja possível ultrapassar os dolorosos circuitos repetitivos que o aprisionam a certos objetos do desejo, a análise é a prática da fala por meio da qual o analisando irá se libertar do Imaginário como eterno e inelutável. Entretanto, os analistas lacanianos também se preocupam em relação à forma como eles, os analistas, se posicionam em relação ao Simbólico (como o Outro para o qual a “fala plena” inconsciente e não-egóica é dirigida) ou em relação ao Real (como o outro, objeto *a*, causa enigmática do desejo que abre as vias para a fala do inconsciente).<sup>17</sup> Na apropriação de Althusser, a psicanálise se transforma mais no tratamento da ideologia praticado pelos analistas do que na “cura pela fala” realizada pelos analisandos; o que ele desconsidera é que os analisandos realmente transformam seus pequenos mundos dentro dos limites das relações sociais capitalistas, e que o processo de transformação é aquilo em que marxistas revolucionários deveriam estar mais interessados em conceitualizar. O termo “teórico” nos trabalhos de Althusser é na verdade uma substituição para “prática”, seja ela prática política ou psicanalítica.<sup>18</sup>

### ***This curse***<sup>19</sup>

A geração seguinte – os “pós-altusserianos” como são conhecidos entre os ingleses – compartilham essa leitura equivocada de Lacan, com um deslocamento do interesse

17 Essa posição é colocada de maneira distinta nos trabalhos iniciais de Lacan e em seus últimos trabalhos, com uma mudança na ênfase do Simbólico para o Real.

18 O trabalho de Castoriadis contrasta com essa posição, embora sua produção mais tardia – no momento em que ele se volta à psicanálise – não seja nem marxista nem laciana. Castoriadis foi um ativista do grupo Socialismo ou Barbárie (escrevendo sob o pseudônimo de Paul Cardin) que se formou como laciano e posteriormente rompeu com a escola laciana para atuar como psicanalista no Quarto Grupo, e veio a elaborar uma abrangente teoria sobre a constituição imaginária da sociedade. Ver, por exemplo, Castoriadis (1987).

19 Mantivemos o subtítulo original para preservar a homofonia na língua inglesa entre *This curse* (esta maldição) e *discourse* (discurso) (N.T.).



do Imaginário para o Simbólico, a análise de formas ideológicas pode assim ser mais facilmente direcionada ao domínio dos “textos” e do “discurso”. Apropriações acadêmicas de Lacan em teoria literária ou estudos sobre cinema que tendem a utilizar Althusser como um filtro, têm que se haver com a imagem do Simbólico como se este fosse um gigantesco sistema Imaginário que permita uma leitura crítica de produtos culturais estruturados de forma lingüística e a manutenção da esperança que os textos possam ser desconstruídos e modificados.<sup>20</sup> Nos Estados Unidos, por exemplo, a avaliação bastante negativa de Jameson a respeito do trabalho de Lacan sobre o Simbólico, que ele assimilou à sua idéia de “prisão da linguagem” em sua influente investigação sobre o estruturalismo e o formalismo russo (JAMESON, 1972), foi substituída cinco anos mais tarde por uma avaliação mais positiva; ainda assim, ele continuava cauteloso em relação à maneira pela qual a celebração da “submissão à Lei” e a “subordinação do sujeito à ordem simbólica” poderiam significar que uma “má apropriação conservadora” desse “projeto claramente ‘anti-utópico’ fosse ‘inevitável’”.<sup>21</sup>

O uso que Jameson faz da psicanálise tem mais nuances do que as abordagens reducionistas em crítica literária que especulavam sobre as motivações individuais dos autores e suas criações, mas foi precisamente sua insistência em que a análise deveria se ocupar da produção e exposição de complexos sistemas ideológicos nos textos que o afastou da psicanálise lacaniana. O Imaginário torna-se secundário, como se ele pudesse ser relacionado apenas com os elementos idiossincráticos da história pessoal (do autor ou dos personagens do texto) que poderiam ser interessantes para psicólogos infantis – uma demarcação disciplinar que era anátema para Lacan – e o Real que, para Jameson, é “simplesmente a História em si mesma” (JAMESON, 1977, p. 384), uma formulação que ao menos ainda capta algo de seus aspectos traumáticos incompreensíveis em psicanálise.<sup>22</sup> No entanto, reduzir dessa forma Real à História, transforma-a em algo que poderia, idealmente, ser narrada (como se ela fosse a ordem simbólica mais ampla possível e texto fundador para cada sistema semiótico local particular).

20 Ver, por exemplo, Metz (1982).

21 “Por outro lado, se nos recordarmos que para Lacan ‘submissão à Lei’ não designa repressão, mas algo bastante diferente, especificamente alienação – no sentido ambíguo em Hegel, de maneira oposta a Marx, concebe esse fenômeno – então o caráter trágico do pensamento lacaniano, e as possibilidades dialéticas inerentes a ele, ficam evidentes” (JAMESON, 1977, p. 373).

22 “Assim como o Real, para Lacan, é o que é impossível de suportar, História, para Jameson, ‘é aquilo que fere’”. (HOMER, 1988, p. 52).

O deslizamento eventual em direção ao pragmatismo ao estilo norte-americano como a antítese do materialismo histórico foi de fato realizada por teóricos na Europa que mesclavam análises da ideologia com a busca de acordos históricos de colaboracionismo de classe. Se Althusser é um dos principais personagens da facção dissidente “chinesa” de um PCF tomado pela crise e ocupado em elaborar uma nova posição humanista, então Laclau e Mouffé devem ser vistos como herdeiros da linha da facção “italiana”. *Hegemony and Socialist Strategy* contém referências explícitas a Lacan (LACLAU e MOUFFE, 1985), mas esse manifesto acadêmico do eurocomunismo que acarreta uma interpolação social-democrata de Gramsci como um teórico do discurso pode dessa maneira convocar “significantes” e “posições subjetivas” para as suas próprias leituras de textos culturais.<sup>23</sup>

Lacan de fato esboçou uma teoria do discurso, engenhosamente apresentada para uma platéia de acadêmicos e ativistas durante o seu seminário de 1969-1970 como um apanhado de conceitos semimarxistas – tal como “mais-de-gozar” como um complemento físico à mais-valia – para bajular seus interlocutores de esquerda (LACAN, 1969-1970). Mas o desenvolvimento teórico principal nesse seminário sobre “o avesso da psicanálise” era dirigido uma vez mais para a questão da prática psicanalítica e para a sedimentação reacionária dessa prática na IPA. Nomear o pior dos discursos contemporâneos como “discurso do universitário” serviu para expor como o saber e os cargos eram formalizados de forma a recrutar e adaptar burocratas em potencial e assim incluir a psicanálise na estrutura de venda em forma de pirâmide da cultura terapêutica. A descrição de um “discurso do mestre” permitiu a Lacan mobilizar categorias hegelianas – uma versão da dialética do senhor e do escravo emprestada de Kojève – e provocar os estudantes rebeldes afirmando que o que eles aspiravam era um novo mestre; sua “revolução” acarretaria apenas a mudança de termos de uma posição para outra nos quatro discursos.<sup>24</sup>

A peculiar “teoria do discurso” lacaniana deu novo fôlego aos acadêmicos que tinham por propósito traçar os caminhos do Simbólico e reproduzi-lo como uma forma de conhecimento, até mesmo um conhecimento “crítico”, no qual novos estudantes

23 Ver, por exemplo, Howart, Norval e Stravakakis (2000).

24 “O que vocês, como revolucionários, aspiram é um Mestre. Vocês terão um” (LACAN, 1987, p. 126). Esse comentário também é um retorno a Freud: “O marxismo teórico, na forma que assumiu sob o Bolchevismo Russo, adquiriu a energia e o caráter auto-suficiente de uma *Weltanschauung*, mas ao mesmo tempo tornou-se surpreendentemente semelhante àquilo que combatia” (FREUD, 2001c, p. 179-180).

poderiam ser iniciados.<sup>25</sup> Entretanto, o que essa apropriação da teoria lacaniana dos quatro discursos convenientemente desconsidera é que Lacan estava primeiramente preocupado em saber como os discursos do mestre e do universitário estruturam e sabotam o trabalho psicanalítico individual. Os discursos da histórica e do analista são, conseqüentemente, referenciais conceituais teóricos e práticos para facilitar o enfrentamento – questionado de maneira rebelde pelo analisando – tornando possível a diferença e até mesmo a transformação pessoal. É verdade que a “histericização” do analisando não produz imediata e inevitavelmente um bom sujeito revolucionário, mas é apenas o discurso do analista que pode permitir que surja essa recusa histórica à mestria; e talvez uma recusa histórica dessa forma seja a precondição de uma subjetividade revolucionária. Ao invés disso, o malabarismo com significantes realizado por “analistas do discurso” preocupados com textos políticos e programáticos provoca uma orientação burocrática em relação à linguagem; orientação que pertence ao domínio da propaganda e tem por foco grupos e não o domínio da verdade. É o oposto da psicanálise, seu “reverso”.

O preocupante giro em direção à linguagem nessa linha de trabalho, desde cedo percebida por marxistas,<sup>26</sup> finalmente frutificou com o propósito de preparar melhor o caminho para novas alianças políticas forjadas por meio da “ressignificação” de vários termos do debate. No subsequente giro em direção ao discurso construído no trabalho de Laclau e Mouffe, todas as categorias de “identidade” – sendo a identidade de classe a mais suspeita de todas – são dissolvidas em uma concepção de Simbólico como um entrelaçamento de textos, e o antagonismo que torna impossível qualquer busca de identidade ou resolução de diferenças entre elas, torna-se o foco da análise cultural; o significante “antagonismo” funciona nesse ramo da pesquisa acadêmica como uma espécie de fetiche que poderia prevenir o aprisionamento ideológico.<sup>27</sup> A tendência política do trabalho de Laclau e Mouffe, que promoveu uma articulação local do

25 Ver, por exemplo, Bracher (1993).

26 Ver, por exemplo, Callinicos (1982) e Anderson (1983).

27 “...antagonismos sociais ocorrem porque os agentes sociais são *incapazes* de atingir plenamente sua identidade...a tarefa do analista do discurso é explorar as diferentes formas dessa impossibilidade e os mecanismos pelos quais a obstrução é construída de maneira antagonica pelos agentes sociais.” (HOWARD, NORVAL e STAVRAKAKIS, 2000, p. 10).

eurocomunismo a praticamente o último suspiro do stalinismo (MANDEL, 1978), ocupou, sem surpresas, uma posição que a partir daí auto proclamou-se “pós-marxista” (LACLAU e MOUFFE, 1987).

Entretanto, aqueles que tentaram reafirmar a psicanálise lacaniana dentro dessa versão da teoria do discurso seguiram muito longe no caminho relativista de Laclau e Mouffe para que pudessem estabelecer quaisquer vínculos com um marxismo revolucionário. Em vez disso a própria “política” é caricaturada e caracterizada como um projeto impossível, sendo a política marxista um dos obstáculos para uma “democracia radical”.<sup>28</sup> Dessa forma, quando Laclau é cobrado por seus antigos alunos sobre o papel de conceitos lacanianos tais como “gozo” – prazer impossível “além do princípio do prazer” e fora do Simbólico, no Real –,<sup>29</sup> Laclau pode responder que, evidentemente, ele estava o tempo todo falando sobre o gozo.<sup>30</sup> Por ora, nessa linha de trabalho tudo foi absorvido pelo Simbólico, e todo elemento perturbador ou disruptivo da teoria lacaniana foi recolocado dentro do discurso.

### **É isso aí! (*The real thing*)**<sup>31</sup>

A inspiração para muitos dos recentes trabalhos orientados psicanaliticamente sobre o discurso tem sido Zizek, o outrora aliado de Laclau e Mouffe, que quase solitariamente colocou a reaproximação teórica entre Marx e Lacan de volta nas discussões.<sup>32</sup> Os primeiros trabalhos de Zizek são parte de uma intensa batalha teórica na Eslovênia, durante a década de 1980, que estava, naquela época, envolvida com a prática política; um grupo de teóricos estava acertando as contas com a burocracia e com Althusser e utilizando Lacan como uma referência fundamental.

Muitos dos assuntos que reaparecem nos escritos de Zizek sobre a ideologia,<sup>33</sup> por exemplo, aparecem claramente no comentário de Rastko Mocnik de que a des-

28 Ver, por exemplo, Stavrakakis (1999).

29 “...sem levar em conta o gozo, todo referencial lacaniano perde a maior parte de sua força esclarecedora” (GLYNOS e STAVRAKAKIS, 2003, p. 120).

30 “...eu não entendo discurso como algo restrito à lingüística entendida em seu sentido mais estrito, mas um complexo relacional no qual o gozo é um elemento constitutivo” (LACLAU, 2003, p. 283).

31 O subtítulo original faz referência ao conhecido *slogan* da Coca-Cola analisado por Zizek em *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

32 “...uma abordagem lacaniana estritamente dogmática combinada precisamente com uma abordagem que não seja pós-marxista é o que hoje é necessário” (ZIZEK, apud LONG e MCGANN, 1997, p. 133).

33 Ver, por exemplo, Zizek (1989).

crição althusseriana de ‘interpelação’ – por meio do qual a ideologia se precipita e constitui os indivíduos como sujeitos – já pressupõe que um sujeito está lá desde o começo, alguém capaz de responder ao chamado da ideologia.<sup>34</sup> Há, nessa crítica, uma elaboração da fórmula lacaniana de transferência – na qual o analisando atribui conhecimento a um “sujeito suposto saber”<sup>35</sup> –, agora entendida como a formação de uma “estrutura intersubjetiva” na qual existe “a relação de identificação com o sujeito suposto crer”<sup>36</sup> (MOCNIK, 1993, p. 141). Esse é um tema sobre o qual Zizek tratará em seus trabalhos posteriores.<sup>37</sup> Para Mocnik, Lacan é uma via de retorno a Freud, “o materialista” para o qual “o todo é o não-verdadeiro”, e seu materialismo pode dessa forma aproximar-se da visão marxista da “ilusão da totalidade como um resultado da totalização ideológica” (ibid., p. 149). Contra toda ilusão de coerência e a idéia de que haveria um saber totalizador a ser descoberto sob o conjunto de significantes que constituem a ideologia e seus concomitantes elementos fantasmáticos, alcançamos ver que não há *nada*: “nada a não ser o hiato que torna a estrutura social não-toda, o hiato da luta de classes” (ibid., p. 152).

A lição de que não há nada, de que as fantasias ridículas que nos prendem a nossos objetos são constituídas de significantes, é certamente algo que um sujeito em uma análise lacaniana possa vir a descobrir. Quando o analista é capaz de “conseguir uma diferença absoluta” (LACAN, 1979, p. 276), o analisando talvez possa destituí-lo como sujeito suposto saber e se dar conta de que nada pode advir de nada em um momento de destituição subjetiva durante a travessia da relação fantasmática fundamental com seu objeto *a* que os estruturou (ibid.).

Mas seria esse “nada” apenas outro nome para a luta de classes, o equivalente da impossibilidade de qualquer totalização coerente do campo social? Por que a lição derivada da relação particular que alguém constrói e desconstrói em uma análise não poderia ser a de que não há luta de classes, que a crítica materialista histórica da economia política serviria para preencher uma “falha” ou uma “falta” no sujeito, e que a luta política conduz os ativistas para uma relação fantasmática com seus líderes

34 “...neste caso, a constituição do sujeito escaparia ao poder epistemológico do materialismo histórico” (MOCNIK, 1993, p. 139).

35 “Sempre que essa função possa ser, pelo sujeito, encarnada em alguma pessoa, seja ela o analista ou não, a transferência...é estabelecida” (LACAN, 1979, p. 233).

36 *Sujeito suposto crer* é uma versão para Subject Suppose to Believe que, por sua vez, é a extensão para o social feita por Mocnik para o conceito lacaniano de sujeito suposto saber (Subject Supposed to Know). (N.T.).

37 “...o fundamental, a característica constitutiva da ordem simbólica” (ZIZEK, 2002a).

que irão cumprir a função de “sujeitos supostos crer”? Esta é exatamente a conclusão a que alguns lacanianos defensores da “democracia radical” chegaram.<sup>38</sup> Para Zizek, “luta de classes” é um termo utilizado para marcar um antagonismo que atravessa qualquer tentativa de transformar o social em um sistema completamente saudável, uma impossibilidade conceitual que frustrará todos aqueles que querem melhorar o capitalismo, mas também uma impossibilidade necessária que impede aqueles que desejam destruí-lo. A classe trabalhadora, na visão de mundo de Zizek, não é uma classe que vai lutar para simultaneamente tomar o poder e abolir a si mesma no próprio processo de revolução socialista. Para Zizek o “obstáculo” ou “antagonismo” que ele obsessivamente rodeia é a condição de possibilidade da existência do capitalismo, remover essa obstrução seria perder toda a produtividade gerada por ele, “se removermos o obstáculo todo potencial retido por esse obstáculo se dissipa” (ZIZEK, 2002b, p. 275). Apesar de uma retórica um tanto ultra-esquerdista que é ocasionalmente trazida para incomodar os que pensam como Laclau, Zizek não pensa além do horizonte do capitalismo.<sup>39</sup>

Zizek não é um marxista, mas esse não é o assunto que nos interessa aqui.<sup>40</sup> Embora ele lide com fenômenos político-econômicos em comentários e críticas com uma retórica impregnada da terminologia marxista,<sup>41</sup> isto é apenas a oportunidade de esgotar temas da filosofia idealista alemã. E embora Lacan seja freqüentemente invocado, esse é apenas um referencial teórico para ler Hegel (e, às vezes, Schelling). Dessa forma, quando Zizek recorre à psicanálise lacaniana – como uma prática de auto-investigação por meio da qual a verdade do inconsciente só pode ser dita pela metade – como um modelo para a ação política, somos levados para bem distante do marxismo revolucionário.<sup>42</sup>

38 “Esta é uma das maneiras pelas quais a democracia se identifica com o sintoma (o antagonismo constitutivo da sociedade que é usualmente apresentado como um epifenômeno) e atravessa a fantasia de uma ordem social harmoniosa: instituindo uma falta no princípio da organização social” (STAVRAKAKIS, 1999, p. 136).

39 “...se esta escolha radical é denunciada por alguns liberais de coração mole como *Linksfaschismus*, que assim seja!” (ZIZEK, em BUTLER, LACLAU e ZIZEK, 2000, p. 326).

40 Ver Parker (2004).

41 O conceito de “extimidade” – intimidade exterior, exterioridade íntima – que Jacques-Allain Miller (1994) proveitosamente elabora dos trabalhos de Lacan para explorar o “raptó de gozo” na fantasia racista, por exemplo, é explorado e utilizado por Zizek (ZIZEK, 1990).

42 Considerar, por exemplo, a afirmação de que deveríamos interpretar o mundo ao invés de tentar modificá-lo: “...a principal tarefa hoje é precisamente *não* sucumbir à tentação de agir, de intervir diretamente e mudar as coisas” (ZIZEK, 2002b, p. 170).

Ao mesmo tempo há, nessa linha de trabalho, uma insistente dessubstancialização das categorias sociais e, além disso, uma romantização do heróico gesto individual da recusa, a noção lacaniana de Real torna-se aqui a pedra de toque para algo que poderia ser uma força explosiva além do Imaginário e do Simbólico. Isso se torna bastante claro na caracterização que Zizek faz da ética do ato psicanalítico que “tocaria o real” e dessa forma mudaria as coordenadas simbólicas de uma vida.<sup>43</sup> O exemplo de personagens militantes fiéis a uma causa é evocada várias vezes em uma série curiosa que vai de São Paulo (fiel a Cristo), a Lenin (fiel a Marx) e Lacan (fiel a Freud). Essa separação conceitual dos indivíduos de seus contextos históricos obscurece assim o que há de genuinamente revolucionário no marxismo – sua ênfase na ação coletiva criativa que prefiguraria formas socialistas de organização – e leva Zizek a algumas das mais reacionárias identificações com aqueles a quem ele mais admira. Da mesma maneira, sua fidelidade à psicanálise é mais em relação à instituição do que à prática clínica, e em particular ao seu líder atual Jacques Alain Miller, o “bom” Stalin (ZIZEK, 2002b, p. 316).

Zizek é um stalinista consumado, oscilando entre o pragmatismo político e o ultra-esquerdismo, algumas vezes com a denúncia sectária daqueles que ele caracteriza como rebeldes histéricos ou liberais conformistas.<sup>44</sup> Na paisagem das lutas internas do comunismo francês dos anos 60 e 70, Zizek se situa entre os “chineses althusserianos” e os “italianos” pós-marxistas partidários de Laclau-Mouffe como a caricatura burguesa do “russo” totalitário, a favor da reafirmação do aparato partidário e fidelidade à causa.<sup>45</sup>

## A diferença dialética

Essas três tentativas de articular Lacan com Marx falharam, uma vez que a explicação teórica foi priorizada em relação à prática clínica e política foi possível separar

---

43 “Este é o ato lacaniano no qual a imensidão da liberdade absoluta, da autonomia e da responsabilidade coincidem de maneira absolutamente necessária: eu me sinto obrigado a atuar como um autômato, sem reflexão (eu simplesmente *tenho* que fazê-lo, não se trata de uma deliberação estratégica) (ZIZEK, 2002c, p. 69).

44 Ver, por exemplo, Zizek (1998).

45 Badiou é um ponto de identificação relevante para Zizek esclarecer sua própria posição neste aspecto. Badiou, que realmente oferece novas maneiras de pensar a relação entre “ética” e “comunidade” em relação ao Real, fundamenta seu trabalho naquilo que ele considera a derrota histórica do marxismo e ele utiliza Lacan como uma fonte filosófica para uma nova lógica da ação política, não como uma maneira de articular a mudança individual com a revolução socialista. Ver, por exemplo, Badiou (1988) e Hallward (2003).

cada um dos três registros – Imaginário, Simbólico e Real – de sua necessária relação nodal, e a partir daí prosseguir adiante com falsas questões que inevitavelmente deram origem a respostas que não eram nem lacanianas nem marxistas.

Existe um aspecto importante da psicanálise que é sistematicamente maquiado em sua apropriação pelas teorias sociais, aspecto ao qual ainda não nos dedicamos, e que é o fato de que ela é tanto uma teoria e uma prática da sexualidade e das diferenças sexuais quanto do inconsciente. Como poderíamos colocar esse elemento sexual em jogo na teoria e prática política? Uma maneira é observando que o antagonismo entre os domínios do indivíduo e da sociedade poderia ser caracterizado como sendo semelhante à famosa “impossibilidade” de relação que Lacan usa para descrever a diferença sexual,<sup>46</sup> mas mesmo essa formulação altamente abstrata só responde uma confusão bastante generalizada. Em vez disso, se nos perguntarmos de que maneira a psicanálise lacaniana poderia ser útil como um elemento específico da luta de classes e sua relação com facetas específicas da atividade marxista revolucionária, talvez fosse produtivo dirigir a atenção para o papel da diferença sexual e sua intersecção com a luta de classes. A separação entre as esferas “pública” e o “privada” sob o capitalismo e a correspondente separação entre as formas estereotipadas da masculinidade e da feminilidade é a chave aqui (ZARETSKY, 1976). Essa intersecção entre os eixos sobrepostos e mutuamente reforçadores da exploração capitalista e opressão patriarcal foi, evidentemente, mais intensamente trabalhada por feministas do que por marxistas.<sup>47</sup>

Gerações mais novas de psicanalistas radicais que tentaram desenvolver teorias de mudança pessoal articulada com uma política revolucionária tomaram, por necessidade, a temática da “revolução sexual” como uma parte fundamental de seu trabalho.<sup>48</sup> Mas muito frequentemente o “sexo” que impulsionaria a revolução era idealizado, transformado em uma força auto-suficiente que necessitaria e bastaria apenas ser trazido à superfície.<sup>49</sup> Lacan demonstra, ao contrário, como a constituição de um sujeito falante é também, ao mesmo tempo, de um outro lado da fala, um outro lugar que é o inconsciente, onde representações ligadas a forças libidinais gozam de seu poder em

46 “O marxismo de Lacan nunca existiu, como reconhecimento de um conflito inconciliável. O Lacan do marxismo realmente existiu como o jubiloso, porém ao final alienante, falso reconhecimento de uma harmonia projetada” (VALENTE, 2003, p. 172).

47 Ver, por exemplo, Haraway (1991).

48 Ver, por exemplo, Fenichel (1977).

49 Ver, por exemplo, Reich (1972).



virtude do próprio processo de sua expulsão da linguagem cotidiana e da consciência comum. O superego, por exemplo, alimenta o sentimento de culpa de que há algo desejado que não está sendo plenamente satisfeito e continuamente envia a ordem para gozar, o sexo é incitado tanto quanto é proibido.<sup>50</sup>

Aí está o que nos fornece uma nova maneira de pensar a problemática sexual, em que a relação sexual “impossível” é aquela constitutiva das fantasias sobre o que homens e mulheres realmente são; e do lado do homem, fantasias sobre o que a mulher tem acesso como algo além da ordem simbólica, algo além do permanentemente falho “gozo fálico” ao qual “o homem” está confinado.<sup>51</sup> Existe aqui, é claro, a tentação nessa concepção de idealizar “a mulher”, um aspecto que na maioria das vezes sustenta sua degradação,<sup>52</sup> dessa maneira uma atenção à constituição histórica dessa relação sexual impossível e da idealização que a acompanha é necessária para levar essa concepção adiante.<sup>53</sup>

Por exemplo, a feminização é parte da lógica capitalista que dissolve as relações da família nuclear e os papéis tradicionais atribuídos a homens e mulheres; além disso, ao recrutamento de mulheres para a força de trabalho como homens honorários e à destruição da esfera “privada” atribuída às mulheres correspondem as tentativas, por vezes desesperadas, de encontrar novamente sua feminilidade perdida; isso se faz presente nos assuntos relacionados à educação infantil aos quais os homens buscam acesso quase tão fervorosamente quanto as mulheres, e no “trabalho emocional” por meio do qual os homens imaginam que aprenderão ser tão competentes quanto as mulheres em demonstrar sensibilidade e sentir algo profundamente.<sup>54</sup>

A feminização do capitalismo é também acompanhada pela ascensão da psicoterapia, uma esfera de trabalho tradicionalmente associada às mulheres na qual, porém,

50 “O genitor do mesmo sexo aparece para a criança ao mesmo tempo como o agente da interdição sexual e o exemplo de sua transgressão” (LACAN, 1980, p. 191).

51 “...nós devemos discordar das premissas filosóficas da psicanálise lacaniana sem negar o fato social do privilégio fálico na linguagem e na representação (e dessa forma, a dificuldade em afirmar o “feminino”)” (SEGAL, 1999, p. 67).

52 “Existem apenas algumas poucas pessoas educadas nas quais as correntes do afeto e da sensualidade encontram-se adequadamente fundidas. O homem normalmente sente seu respeito pela mulher como uma restrição a sua atividade sexual e só desenvolve sua plena potência quando está com um objeto sexual degradado” (FREUD, 2001d, p. 185).

53 “...psicanálise não é a aprovação de uma sociedade patriarcal, mas a análise de tal sociedade” (MITCHELL, 1974, p. xv).

54 Ver, por exemplo, Hochschild (1983).

os homens têm se tornado mais poderosos e mesmo a psicanálise, vista como uma atividade mais “rigorosa”, estereotipadamente masculina, na qual homens e mulheres tentam redescobrir seu lado feminino (VERHAEGHE, 1999). Na psicanálise lacaniana, entretanto, esse processo de feminização é simultaneamente mobilizado e problematizado; trabalhando com e, ao mesmo tempo, por meio do que poderia ser visto como um processo “político-pessoal” que abre caminho para a feminilidade como algo que é necessariamente reprimido para que o capitalismo funcione, mas de uma maneira que se recusa a idealizá-la. A “histericização” do analisando, por exemplo, é uma feminização da posição do sujeito que lhe permite enfrentar o mestre e é construída sobre as primeiras observações cruciais da história da psicanálise de que a histeria não estava limitada às mulheres. Mas essa feminização não é enfeitada por fantasias sobre o que uma mulher realmente é, uma vez que a remoção da “feminilidade” é o ponto no qual o analisando, qualquer que seja seu sexo, descobre não só que não há relação sexual harmoniosa, mas também que “a mulher não existe” (LACAN, 1998, p. 81).

No processo dessa luta e transformação – essa rebelião contra o material simbólico normativo e patologizante que constitui o sujeito individual –, algumas imagens individualizadas da felicidade sob o capitalismo também são objeto de um exame minucioso e de transformação. A localização estereotipada da agressão e da submissão aos papéis masculino e feminino, a posse de bens socialmente valorizados e a liberdade ilusória contra intromissão daqueles que nos são estranhos podem ser analiticamente conceitualizadas como “ideológicas”, mas essas imagens estão entrelaçadas de diferentes formas em diferentes épocas. Ainda que os projetos políticos aqui expostos não sejam complementares, existem formas nas quais eles podem coincidir; marxistas revolucionários, por exemplo, não são contra a “ideologia” em si mesma, mas na maneira pela qual a atividade coletiva criativa é sufocada, às vezes por aqueles que vêm ideologia por toda parte, e a psicanálise lacaniana preocupa-se com as mentiras que motivações ideológicas podem levar um sujeito em particular a dizê-las a si próprio, mentiras que o prendem ao seu sintoma.

Psicanálise fornece um rico vocabulário para descrever a subjetividade, mas não como um conjunto de significantes que poderia suprir ou substituir a análise política. Talvez exista algo de prenunciativo em ser capaz de ocupar-se e dividir com outros aspectos da existência emocional que são usualmente sufocados, suprimidos e muitas vezes reprimidos em função do trabalho assalariado. A relação dialética tensa e quase

impossível entre marxistas e feministas produziu mudanças na prática política entre os marxistas e talvez seja apenas essa relação tão brevemente sinalizada aqui que possa permitir que a psicanálise lacaniana com indivíduos contribua para a prática marxista revolucionária.

*Tradução: Luiz Guilherme Coelho Mola*

Psicanalista, Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da universidade de São Paulo, pesquisador do Núcleo de Psicanálise e Sociedade da PUC-SP e professor do curso Psicologia da Universidade São Judas Tadeu. E-mail: lgcoelho@uol.com.br

## Referências

- ADORNO, Theodor. Sociology and psychology I. *New Left Review*, n. 46, p. 67-80, 1967.
- ALTHUSSER, Louis. *Lenin and Philosophy, and Other Essays*. Londres: New Left Books, 1971.
- . *Essays in Self-Criticism*. Londres: New Left Books, 1976.
- ANDERSON, Perry. *In the Tracks of Historical Materialism*. Londres: Verso, 1983.
- BADIOU, Alain. *Ethics: An Essay on the Understanding of Evil*. Londres: Verso, 1998.
- BARRETT, Michèle. 'Althusser's Marx, Althusser's Lacan'. In: KAPLAN, E. Ann e SPRINKER, Michael (eds.). *The Althusserian Legacy*. Londres: Verso, 1993.
- BRACHER, Mark. *Lacan, Discourse and Social Change: A Psychoanalytic Cultural Criticism*. Ithaca: Cornell University Press, 1993.
- BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto e ŽIŽEK, Slavoj. *Contingency, Hegemony, Universality: Contemporary Dialogues on the Left*. Londres: Verso, 2000.
- CALLINICOS, Alex. *Is There a Future for Marxism?* Londres: Macmillan, 1982.
- CASTORIADIS, Cornelius. *The Imaginary Institution of Society*. Cambridge: Polity Press, 1987.
- EIGHT FRENCH PSYCHIATRISTS (Bonnafe, Follin, Kestemberg, Kestemberg, Lebovici, Le Guilland, Monnerot and Shentoub). *Psychoanalysis: A Reactionary Ideology. Marxism and Masses*, v. 2, n. 9, p. 10-27, 1949.
- FENICHEL, Otto. Psychoanalysis as the Nucleus of a Future Dialectical Materialist Psychology. *American Imago*, n. 24, p. 290-311, 1977.
- FREUD, Sigmund (1930/2001a). Civilization and Its Discontents. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: Vintage, The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 2001a, v. XXI.
- (1921/2001b). Group Psychology and the Analysis of the Ego. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: Vintage, The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 2001b, v. XVIII.

- FREUD, Sigmund (1933/2001c). New Introductory Lectures on Psycho-Analysis. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: Vintage, The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 2001c, v. XXII.
- \_\_\_\_\_ (1912/2001d). On the Universal Tendency to Debasement in the Sphere of Love. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: Vintage, The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 2001d, v. XI
- GERAS, Norman. *Marx and Human Nature: Refutation of a Legend*. Londres: Verso, 1983.
- GLYNOS, Jason e STAVRAKAKIS, Yannis. Encounters of the Real Kind: Sussing Out the Limits of Laclau's Embrace of Lacan. *Journal for Lacanian Studies*, v. 1, n. 1, p. 110-128, 2003.
- GREELEY, Robin Adèle. Dalí's Fascism; Lacan's Paranoia. *Art History*, v. 24, n. 4, p. 465-92, 2001.
- HALLWARD, Peter. *Badiou: A Subject to Truth*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- HARAWAY, Donna J. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Londres: Free Association Books, 1991.
- HOCHSCHILD, Arlie. *The Managed Heart: The Commercialisation of Feeling*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- HOMER, Sean. *Fredric Jameson: Marxism, Hermeneutics, Postmodernism*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- HOWARTH, David; NORVAL, Aletta e STAVRAKAKIS, Yannis (eds.). *Discourse Theory and Political Analysis: Identities, Hegemonies and Social Change*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- JAKOBSON, Roman. On Aphasic Disorders from a Linguistic Angle. *Selected Writings*, VII, n. 17, p. 128-140. The Hague-Paris, Mouton, de Gruyter, 1975.
- JAMESON, Fredric. *The Prison-House of Language: A Critical Account of Structuralism and Russian Formalism*. Princeton: Princeton University Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. Imaginary and Symbolic. In: Lacan: Marxism, Psychoanalytic Criticism, and the Problem of the Subject. *Yale French Studies*, n. 55-56, p. 338-95, 1977.
- KOJÈVE, Alexander. *Introduction to the reading of Hegel*. Nova York: Basic Books, 1969.
- KOVEL, Joel. *The Radical Spirit: Essays on Psychoanalysis and Society*. Londres: Free Association Books, 1988.
- LACAN, Jacques. The Mirror-Phase as Formative of the Function of the I. *New Left Review*, n. 51, p. 71-77, 1968.
- \_\_\_\_\_. (1969-1970). *The Seminar of Jacques Lacan: Book XVII, Psychoanalysis Upside Down/The Reverse Side of Psychoanalysis* (translated by Cormac Gallagher from unedited French manuscripts with an eye to the official published version).
- \_\_\_\_\_. *Four Fundamental Concepts of Psycho-Analysis*. Harmondsworth: Penguin, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1948/1980). The Oedipus Complex [Les complexes familiaux dans la formation de l'individu]. *Semiotext(e)*, v. 4, n. 1, p. 190-200, 1980.
- \_\_\_\_\_. (1969/1987). Impromptu at Vincennes. *October*, n. 40, p. 116-27, 1987.

- LACAN, Jacques. Logical time and the assertion of anticipated certainty: A new sophism. *Newsletter of the Freudian Field*, n. 2, p. 4-22, 1988.
- . (1972-1973/1998). *On Feminine Sexuality, The Limits of Love and Knowledge*: Encore, The Seminar of Jacques Lacan, Book XX. Nova York: W.W. Norton and Company, 1998.
- . British Psychiatry and the War. *Psychoanalytical Notebooks of the London Circle*, n. 4, p. 9-34, 2000.
- . *Écrits: A Selection*. Nova York: W. W. Norton and Company, 2002.
- LACLAU, Ernesto. Discourse and Jouissance: A Reply to Glynos and Stavarakakis. *Journal for Lacanian Studies*, v. 1, n. 2, p. 278-285, 2003.
- LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy*. Londres: Verso, 1985.
- . Post-Marxism Without Apologies. *New Left Review*, n. 166, p. 79-106, 1987.
- LAGACHE, Daniel. Some Aspects of Transference. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 34, p. 1-10, 1953.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*. Nova York: Basic Books, 1963.
- LONG, Andrew e MCGANN, Tara. Slavoj Žižek Interviewed by Andrew Long and Tara McGann. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*, v. 1, n. 2, p. 133-137, 1997.
- MACEY, David. Thinking with Borrowed Concepts: Althusser and Lacan. In: ELLIOTT, Gregory (ed.). *Althusser: A Critical Reader*. Oxford: Blackwell, 1994.
- MANDEL, Ernest. *The Formation of the Economic Thought of Karl Marx*. Londres: New Left Books, 1971.
- . *From Stalinism to Eurocommunism: The Bitter Fruits of 'Socialism in One Country'*. Londres: New Left Books, 1978.
- . *Revolutionary Marxism Today*. Londres: New Left Books, 1979.
- METZ, Christian. *The Imaginary Signifier: Psychoanalysis and the Cinema*. Bloomington: Indiana University Press, 1982.
- MILLER, Jacques-Alain. Extimité. In: BRACHER, Mark; ALCORN, Marshall W.; CORTHELL, Ronald J. e MASSARDIER-KENNEY, Françoise (eds.). *Lacanian Theory of Discourse: Subject, Structure and Society*. Nova York: New York University Press, 1994.
- MITCHELL, Juliet. *Psychoanalysis and Feminism*. Harmondsworth: Penguin, 1974.
- MOČNIK, Rastko. Ideology and Fantasy. In: KAPLAN, E. Ann e SPRINKER, Michael (eds.). *The Althusserian Legacy*. Londres: Verso, 1993.
- O'DONNELL, Paddy. Lucien Sève, Althusser and the Contradictions of the PCF. *Critique*, n. 15, p. 7-29, 1982.
- PARKER, Ian. *Slavoj Žižek: A Critical Introduction*. Londres: Pluto Press, 2004.
- REICH, Wilhelm. *Sex-Pol: Essays 1929-1934*. Nova York: Vintage Books, 1972.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan & Co.: A History of Psychoanalysis in France, 1925-1985*. Londres: Free Association Books, 1990.

- ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: An Outline of a Life and a History of a System of Thought*. Cambridge: Polity Press, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Course in General Linguistics*. Londres: Fontana, 1974.
- SEGAL, Lynne. Cautionary Tales: Between Freud and Feminism, *Constellations*, v. 6, n. 1, p. 61-79, 1999.
- STAVRAKAKIS, Yannis. *Lacan and the Political*. Londres: Routledge, 1999.
- STRACHEY, James. The nature of the therapeutic action of psycho-analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 15, p. 127-159, 1934.
- STRACHEY, John. Introduction. In: OSBORN, Reuben. *Freud and Marx: A Dialectical Study*. Londres: Victor Gollancz, 1937.
- VALENTE, Joseph. Lacan's Marxism, Marxism's Lacan (from Žižek to Althusser). In: RABATÉ, Jean-Michel (ed.). *The Cambridge Companion to Lacan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- VERHAEGHE, Paul. *Does the woman exist? From Freud's Hysteric to Lacan's Feminine*. Nova York: Other Books Press, 1999.
- ZARETSKY, Eli. *Capitalism, the Family, and Personal Life*. Londres: Pluto Press, 1976.
- ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. Londres: Verso, 1989.
- . Eastern Europe's Republics of Gilead. *New Left Review*, n. 183, p. 50-62, 1990.
- . Psychoanalysis in Post-Marxism: The Case of Alain Badiou. *The South Atlantic Quarterly*, n. 2, p. 235-63, 1998.
- . *Revolution at the Gates: A Selection of Writings from February to October 1917: V. I. Lenin*, edited with an Introduction and Afterword by Slavoj Žižek. Londres: Verso, 2002a.
- . *The interpassive subject*. 2002b. Disponível em: <<http://www.lacan.com/interpass.htm>>. Acesso: 2 dec. 2002.
- . The Real of Sexual Difference. In: BARNARD, Suzanne e FINK, Bruce (eds.). *Reading Seminar XX: Lacan's Major Work on Love, Knowledge, and Feminine Sexuality*. Nova York: State University of New York Press, 2002c.

*Recebido em 1º/8/2008; Aprovado em 2/10/2008.*